

# Metade Cheio, Metade Vazio<sup>1</sup>

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>2</sup>

Li o seu livro *A Luz das Nossas Mentes*. Devo admitir, nunca soube que havia tanta coisa a favor da cosmovisão cristã.

Estive dialogando com certa pessoa que declarou: “a verdade é apenas uma questão de percepção”.

Ele explicou com uma ilustração. Pegue um copo de água que está cheio pela metade. Uma pessoa olhando para o copo pode dizer que o mesmo está cheio pela metade, e outra pode dizer que está vazio pela metade. Qual pessoa está certa? Essa era sua linha de argumento.

Por favor, mostre-me como responder algo como isso.

Eu abordei o relativismo (e subjetivismo, etc.)<sup>3</sup> em vários lugares nos meus livros, de forma que você deveria rever o que já escrevi sobre o assunto. Você deveria ler também meu livro *Apologetica na Conversação*, para aprender como tratar com pessoas em conversas.

Uma resposta básica ao relativismo é que ele é auto-refutador. Se ele diz que a “verdade é uma questão de percepção”, então até mesmo *essa* declaração é somente uma questão de percepção, de forma que não pode ser universalmente verdade que a verdade é uma questão de percepção. Em outras palavras, que a verdade é uma questão de percepção é nada mais que a percepção da pessoa. Isso não significa que esse seja necessariamente o caso, e não significa que você tenha que aceitá-lo.

Então, a ilustração consiste de declarações que são muito ambíguas para provar o seu ponto, visto que deixa de fora informações vitais tais como o ponto de referência e os objetos sendo considerados, mas uma vez que você insere a informação faltante, as declarações se tornam claramente absolutas. Isto é, considerando a capacidade total do copo, metade dele contém água, e metade contém não-água (digamos apenas ar). Estou me referindo somente à água quando digo, “O copo está cheio pela metade”, e estou me referindo somente ao ar (parte não-água) quando digo, “O copo está vazio pela metade”, mas ambas as declarações são absolutas.

A alegação é sofisticada também. Você quer dizer algo definido e diferente por “verdade” (X) e “percepção” (Y), e tudo o que ele faz é mudar o significado de

---

<sup>1</sup> Extraído e traduzido do livro *Captive to Reason*, de Vincent Cheung.

<sup>2</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em Outubro/2006.

<sup>3</sup> Por conveniência, direi apenas “relativismo” no restante desse artigo.

“verdade”, de forma que o prende à Y e não à X. Em outras palavras, ele está dizendo: “A palavra que você usa para designar X deveria, pelo contrário, ser usada para designar Y”. Mas então, o que dizer sobre X? Existe um X ou não? X é coerente ou não? Veja, ele esquivou-se de X sem refutá-lo. E, de fato, a ilustração dele meramente explica para você o que ele quer dizer por Y, ao invés de refutar a sua concepção de X.

Sim, é possível mudar a palavra “carro” de forma que se refira agora a uma bicicleta (declarando, “um carro é apenas uma bicicleta”), e então você pode descrever uma bicicleta para ilustrar seu significado, mas isso não tem nada a ver com o fato de existir ou não dispositivos motorizados de transporte com quatro rodas neste mundo. Tirar a palavra “carro” de você de forma alguma tira o carro.

Agora, uma vez que ele afirmou essa premissa, que a “verdade é uma questão de percepção”, de agora em diante, tudo o que ele disser deve ser tomado como apenas “uma questão de percepção”. Essa é a consequência lógica da filosofia dele.

Você não deve simplesmente dizer-lhe isso, mas deve realmente agir e tratá-lo por esse padrão em todas as suas conversas e interações com ele. Isto é, argumente com ele de acordo com as implicações lógicas da filosofia dele, e então o trate de acordo com as implicações práticas dela.

Prenda-se a isso mesmo quando tiver consequências sérias ou perigosas para ele, por exemplo, em questões que tenham a ver com dinheiro, legalidade, ou segurando, e toda vez, lembre-o que você está somente seguindo o padrão dele. Ele deve se render, ou sofrer as consequências da própria filosofia dele.

Embora eu seria o primeiro a lhe dizer que somente consequências lógicas importam em debates intelectuais, e que consequências práticas nunca equivalem a uma refutação lógica, ele deverá de fato suportar essas consequências se apóia a filosofia de relativismo dele. Se ele não prestar atenção aos argumentos racionais, talvez esse meio irracional (prático) de persuasão o fará reconsiderar os méritos racionais da posição dele.<sup>4</sup>

Por outro lado, visto que ele ainda tem que provar essa premissa (e não pode, pois qualquer prova seria apenas uma questão de percepção), e visto que você ainda não a afirmou, as coisas que você diz não precisam ser tomadas como apenas uma questão de percepção.

Dependendo da atitude e resposta dele (ele pode não se render tão facilmente), algumas vezes você poderá precisar até mesmo chocá-lo e ofendê-lo.

---

<sup>4</sup> Argumentar a partir das consequências práticas de uma posição é cometer a falácia de afirmar o consequente. Mesmo que uma pessoa sofra e morra por causa da sua filosofia, isso não tem nada a ver com refutá-la *logicamente* – tudo que pode significar é que a filosofia *verdadeira* é, todavia, impossível de ser vivida. Muitos livros-texto de filosofia, incluindo aqueles de filósofos cristãos, dirão que um teste crucial para uma filosofia é sua “capacidade de ser vivida”, de forma que uma filosofia verdadeira deve ser vivível, que deve ser possível executá-la de maneira prática. Mas não há nenhum argumento racional para esse princípio ou suposição; é apenas um teste arbitrário imposto por uma tendência irracionalmente pragmática. Um teste prático não pode indicar uma filosofia verdadeira, e uma filosofia verdadeira nunca precisa de um teste prático. Agora, a cosmologia bíblica é de fato prática, no sentido que ela é vivível e isso por alguém que fielmente siga os sábios preceitos e mandamentos de Deus; contudo, ela é verdadeira não porque é prática, mas por causa de fundamentos puramente racionais.

Assim, com um gravador em mãos, você pode pedir para ele reafirmar a premissa dele, que a “verdade é apenas uma questão de percepção”. Então, você pode dizer: “segue-se que é apenas uma questão de percepção que sua mãe não é uma prostituta e vagabunda, e que a partir de certa perspectiva, é de fato ‘verdade’ que sua mãe é uma prostituta e vagabunda”. Force-o a admitir isso sem evasão e ressalva. Após isso, chame os pais dele e reproduza a gravação para eles. Não estou brincando – faça isso realmente!

Após isso, repita o mesmo procedimento. Desta vez faça-o admitir que é apenas uma questão de percepção que ele não está roubando os bens da companhia em seu lugar de trabalho, e que a partir de certa perspectiva, é de fato “verdade” que ele está roubando os bens da companhia. Então, chame o patrão dele e toque a fita.

Você pode repetir isso diversas vezes. Faça-o admitir que ele é um adúltero e que a sua esposa é uma porca feia (como uma questão de percepção, é claro), e então toque a fita para a esposa dele. Faça-o admitir que ele é um assassino e esturador, e que deseja assassinar e esturpar os seus próprios filhos (novamente, como uma questão de percepção), e então toque a fita para os filhos dele, ou também para alguém que o conheça.

Certamente, antes de fazer qualquer coisa, você deve lhe dizer que está gravando e o que fará com a fita, de forma a dar a ele uma chance para desmentir a filosofia dele. Se você tiver feito isso, então não estará fazer nada errado. Você não está tentando defraudá-lo, ou fazê-lo admitir algo que seja contrário a sua própria filosofia explícita. Você na verdade não é a pessoa que está dizendo essas coisas (visto que você *nega* que a verdade seja apenas uma questão de percepção), mas está perguntando a ele se essas são algumas das coisas que ele diria, como deveria, considerando a filosofia dele. Ele deve colher as conseqüências, trazidas sobre ele pela sua própria filosofia. Talvez ele deva se defender diante daqueles que ofendeu dessa forma, ao ensinar-lhes o relativismo.

Note que se algo ruim acontecer com ele, foi algo que ele fez a si próprio por meio de sua filosofia. Se problemas vierem sobre ele por causa de tudo isso, então ainda é “uma questão de percepção” que todas essas conseqüências sejam indesejáveis. Ele não precisa ser um relativista, e pode se render a qualquer momento quando confrontado com o exposto acima. Assim, é culpa dele se ainda permanecer teimoso.

Em todo caso, observe que esse procedimento é um método pragmático (tornando a vida dele impossível de ser vivida por sua filosofia), e nada nele equivale a uma refutação lógica do relativismo.<sup>5</sup> Assim, mesmo que ele se renda sob essas circunstâncias, isso não significa que você tenha refutado logicamente o relativismo pelo pragmatismo, visto que o pragmatismo não pode refutar nada. Contudo, ao empregar esse método irracional (pragmatismo), você poderá forçar com sucesso uma pessoa irracional (o relativista) a te enfrentar num debate, e a reconsiderar os méritos racionais das posições opostas.

---

<sup>5</sup> As refutações lógicas foram apresentadas no começo desse artigo; o procedimento descrito aqui é somente para forçá-lo a voltar a uma discussão racional.